



REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO, SAÚDE E BEM ESTAR

FACULDADE SANTO AGOSTINHO DE ITABUNA

Aporofobia: Um desafio no Sistema Único de Saúde

Aporophobia: A challenge in Health Unic System

Aike de Oliveira Berbert¹, Beatriz Correia Cruz¹, Camila Keller
Alonso Nascimento¹, Adailson Henrique Miranda de Oliveira^{2*}, Pedro
Costa Campos Filho³

¹ Graduandos em Medicina (FASAI), Faculdade Santo Agostinho de Itabuna, FASAI, Itabuna, Bahia, Brasil. ² Mestre em Cultura (UESC), docente FASAI. ³ Doutor em Biologia e Biotecnologia de Microrganismos (UESC), docente FASAI.

*Autor correspondente: Adailson Henrique Miranda de Oliveira – adailsonprofessor@yahoo.com.br, COPPEXII, Faculdade Santo Agostinho de Itabuna, Av. Ibicarai, 3270- Nova Itabuna, Itabuna- BA, 45600-769

RESUMO

Introdução: Pessoas consideradas “pobres” são constantemente vítimas de preconceito, discriminação e violências devido unicamente à sua condição econômica. A necessidade de conhecer a fundo essa realidade, para então combatê-la, resultou na criação do termo aporofobia, definido de forma literal como “aversão aos pobres”. Essa prática permeia o cenário social em todas as regiões do país, podendo influenciar diversas esferas da vida do indivíduo. A Atenção Primária à Saúde (APS) é o primeiro nível de atenção em saúde, considerada a porta de entrada do SUS. Portanto, é imprescindível que esses locais e seus profissionais estejam preparados para atender a todos sem discriminação, seguindo o princípio da universalidade. Entretanto, o que se

observa é uma grande dificuldade de acolhimento a pessoas pobres nesses ambientes. **Objetivo:** Relacionar o conceito de aporofobia com as barreiras impostas no acesso universal à saúde por pessoas pobres e elucidar a necessidade de levar conhecimento sobre o tema à população. **Método:** Revisão sistemática em bases eletrônicas, utilizando-se: PubMed, Scielo e Google acadêmico. Optou-se por uma análise de caráter qualitativo e como critérios de inclusão, foram escolhidos artigos científicos em português sobre aporofobia na área da saúde, publicados no período de 2019 a 2022 **Resultados:** Observou-se que a aporofobia afeta diretamente o acesso ao sistema de saúde público (SUS). Sendo assim, pessoas pobres encontram-se fora da linha da parcela “normal” da sociedade civil, tendo como agravante o reconhecimento por parte dos próprios agentes executores do preconceito. **Conclusão:** Os estudos mostraram que de fato o ato preconceituoso está intrínseco na propedêutica das esferas sociais, tendo como possível solução a criação e efetivação de políticas de acessibilidade, sendo o acesso à informação o passo inicial para tal.

Palavras-chave: Miséria; Pobreza; Saúde; Preconceito; SUS

ABSTRACT

Introduction: Poor people are victims of discrimination and violence due to their economic situation. The need to get to know this reality in depth to fight it resulted in the creation of the term aporophobia, literally defined as “aversion to the poor”. This practice permeates the social scenario all over the country, and impacts all aspects in the life of the poor. The Primary Health Care Service is the first level of health care, considered the gateway to SUS. Therefore, it is essential that these places and their professionals are prepared to serve everyone without distinction, following the principle of universality. However, a great difficulty in welcoming poor people is observed in these environments.

Objective: To relate the concept of aporophobia to the barriers imposed on the universal access to health by poor people and to elucidate the need to bring knowledge regarding this subject to the population. **Method:** Systematic review in electronic databases, using: Scielo, PubMed and Google Academics. A qualitative analysis was chosen and as inclusion criteria, scientific articles in Portuguese on aporophobia in the health area were chosen, published in the period from 2019 to 2022. **Results:** It is observed that aporophobia directly affects access to the public health system (SUS). Thus, poor people are outside the circle of what is considered the “normal” part of civil society, having as aggravating factor the recognition of it by the very agents who execute prejudice. **Conclusion:** This paper showed that in fact the prejudiced is intrinsic in the society, having as a possible solution the creation and implementation of accessibility policies, with access to information being the initial step to do it

Keywords: Myseri; Health; Prejudice; Poor; SUS;

Introdução

A presença da pobreza, da fome e da miséria na realidade social não é uma novidade. A partir do surgimento das desigualdades sociais e econômicas, presume-se que exista discriminação contra pessoas pobres, visto que o preconceito surge a partir da diferenciação do “eu” e dos “outros”, evidenciando a dificuldade que muitos têm de entender, aceitar, acolher e sentir empatia por quem possui uma realidade diferente de si.

Sendo a educação um recurso poderoso para combater as violências, torna-se necessário atribuir nomes aos conceitos, para que estes possam ser abordados nas áreas de conhecimento e difundidos entre as pessoas. Nesse contexto, a aporofobia entra no jogo como uma nova palavra para definir algo praticado a muito tempo: o preconceito contra pessoas pobres.

O termo aporofobia foi cunhado pela espanhola Adela Cortina e vem das palavras “áporos”, que significa ou pobres, e “fóbeo” que quer dizer temer, odiar e rejeitar. Assim, aporofobia é um fenômeno social e econômico que literalmente significa “aversão aos pobres” e gera uma série de consequências que dificultam a vida de pessoas financeiramente menos favorecidas para além dos obstáculos econômicos. Portanto, aliado ao fato de muitas vezes não terem o que comer, onde morar e o que vestir, pessoas pobres também enfrentam a ignorância e o desprezo, sendo maltratadas e até excluídas do convívio social.

A aporofobia está presente nas mais diversas esferas, inclusive na Saúde. No Brasil, a Constituição Federal de 1988 definiu a saúde como um

direito de todos e dever do Estado e, assim, foi criado o Sistema Único de Saúde (SUS), que possui a universalidade como um de seus princípios fundamentais. Esse princípio determina que todos os cidadãos brasileiros, sem qualquer tipo de discriminação, têm direito ao acesso às ações e serviços de saúde. Entretanto, essa proposição contrasta com a realidade da aporofobia.

São muito raros os casos em que pessoas com boa condição econômica, boa aparência, limpas e bem-vestidas são maltratadas nos serviços de saúde. Por outro lado, uma pessoa pobre, moradora de rua, suja e mal-vestida pode se deparar com um tratamento rude, insensível e de má qualidade nesses mesmos locais. Essa afirmação foi corroborada pelos dados presentes nos artigos revisados, constatando episódios de discriminação em farmácias, hospitais, Unidades de Saúde e outros. Isso comprova que a aporofobia é um grande obstáculo ao acesso universal à saúde.

Material e Métodos

Através da abordagem de revisão sistemática, foi realizado este estudo de acordo com dados encontrados em bases eletrônicas, utilizando-se: PubMed, Scielo e Google acadêmico. Optou-se por uma análise de caráter qualitativo e como critérios de inclusão, foram escolhidos artigos científicos em português sobre aporofobia na área da saúde, publicados no período de 2019 a 2022, cuja pesquisa foi conduzida a fim de identificar traços da aporofobia no atendimento do Sistema Único de Saúde, com enfoque na Atenção Primária a Saúde (APS). Os artigos que não corresponderam a estes critérios foram excluídos. O estudo busca demonstrar os casos de Aporofobia no cotidiano do Sistema Único de Saúde e para a seleção dos artigos, os descritores usados

foram palavras em português, sendo: 'Aporofobia', 'pobreza', 'saúde', 'SUS'. Também foram utilizados os seguintes descritores em combinação: 'Aporofobia e saúde', 'pobreza e preconceito', 'preconceito e SUS'. Após a busca, para facilitar a escolha, utilizou-se filtros e os artigos foram ordenados de acordo ao número de citações e área de estudo, prevalecendo aqueles com mais citações e da área Ciências da Saúde.

Resultados e Discussão

Através da pesquisa, foram achados um total de 38 artigos e de acordo a verificação da correspondência com os critérios de inclusão, selecionou-se um total de 7 produções, sendo aqueles de melhor relevância e argumentação no que tange a relação da aporofobia dentro do contexto da Atenção Primária no Sistema Único de Saúde.

Segundo RESENDE, 2022, a aporofobia tem se constituído nas últimas décadas como um mal de um tempo contemporâneo, que produz o desfavor dos pobres, a violência, opressão, indiferença e a humilhação, em que sua superação somente será alcançada com a implementação de práticas fraternas, que se traduzam em responsabilidade recíproca, no caso, relacionadas não apenas à sociedade civil como um todo mas também a partir da corresponsabilidade fruto de um trabalho mútuo entre profissionais da saúde de múltiplas esferas.

Não menos importante, a filósofa espanhola Adela Cortina esboça em sua obra a Aporofobia como um ataque diário, quase invisível, contra a dignidade, e o bem-estar das pessoas específicas a quem se dirige, em questão, direcionada aos moradores de rua, em vista da necessidade de um atendimento básico de saúde. Em continuidade, (COHN, 2021) definiu que a

aporofobia não se limita apenas a distinguir entre pobres e não pobres, estendendo-se a toda expressão e forma diversa de ser que não for considerado especificamente estrita pelo segmento dos mandatários atuais como “normalidade” social. Existe uma necessidade de criação de políticas públicas, cuja iniciação tem sido cada vez mais desafiadora em virtude da tensão permanente entre Estado-sociedade e conflitos de interesses nos âmbitos socioeconômicos, mesmo sendo a saúde assegurada constitucionalmente como direito de todos e dever do estado (PITOMBEIRA *et.al* 2020).

Nessa linha de raciocínio, (PROCHNOW *et.al* 2019) em seu estudo aplicou um questionário de 41 questões com escala Likert de 5 pontos, em que dos 119 moradores de Ijuí-RS, 60% responderam concordar totalmente com a afirmativa “tratar de mesma maneira tanto pessoas pobres quanto ricas” ao passo em que 31% responder apenas “concordar” com a afirmativa, corroborando para a confirmação de que de fato existe o preconceito intrínseco à sociedade. Ao final, percebeu-se que dentro da área da saúde, os dados não se modificam, o que mostra a Aporofobia inserida nos diversos setores da sociedade.

Como estratégias de solução e redução da problemática, alguns caminhos distintos podem ser seguidos e discutidos: Primeiramente a necessidade de conhecer os que vivem nas ruas e as comunidades carentes, por exemplo, assim como identificar suas necessidades sociais e a complexidade de seu processo saúde-doença. (QUEIROZ, 2021).

Para os atuantes na Unidades Básicas, o contato com estas pessoas precisa acontecer através de uma comunicação efetiva. Uma boa estratégia é

utilizar os Agente Comunitários para criação de vínculos e desmitificação do estigma social de ambos os lados. Durante o processo de prevenção e promoção, é importante conhecer os motivos que os levaram às ruas, saber como o preconceito cria uma barreira no atendimento e somente assim, construir um modelo de atenção universal e integral, como o proposto pelos princípios do SUS. (OLIVEIRA, 2020)

A efetivação dos Centros de Referência Especializada de Assistência Social (CREAS), por meio do Serviço Especializado para pessoas em situação de rua, facilita o atendimento e o delineamento das demandas desses indivíduos em consonância com os consultórios de rua, garantindo às pessoas em situação de rua um maior engajamento em relação ao cuidado de sua própria saúde e um entendimento maior por parte dos profissionais da saúde e de todas as suas nuances biopsicossociais, como propõe (PROCHNOW *et.al* 2019)

Conclusão

Verificou-se, em todos os estudos, que o surgimento e persistência da aporofobia como realidade na sociedade é um reflexo da dificuldade que grande parte das pessoas têm de conhecerem, entenderem e aceitarem um cenário que esteja fora da sua “bolha social”. A falta de esclarecimento por parte da sociedade civil pode levar à crença de que aqueles desprovidos de recursos são assim por escolha, preguiça ou por falta de ambição, uma noção que ignora todos os obstáculos que a conjuntura social e econômica do Brasil, repleta de desigualdades, impõe a pessoas pobres, culminando na dificuldade de abertura a oportunidades, sejam sociais ou no mercado de trabalho, alimentando a persistência da prática preconceituosa.

Trazendo esse contexto para a saúde no Brasil e tendo em vista que a aporofobia passou a fazer parte do “DNA sociológico brasileiro”, as agressões – sejam morais, verbais, psicológicas, emocionais ou físicas – estão presentes nos serviços de saúde desde o momento em que a vítima do preconceito adentra em um estabelecimento comercial qualquer –farmácias, até quando é admitida em uma unidade de saúde. A aporofobia, então, é visível desde a recepção da Unidade de Saúde, até a sala de cirurgia. Portanto, o acesso universal à saúde, como consta nos princípios doutrinários do SUS, depende da mudança de pensamento e sobretudo posicionamento por parte dos profissionais de saúde, da sociedade civil, assim como da efetivação das atuais legislações, ditas “democráticas”.

Em uma sociedade ideal, em que a pobreza fosse erradicada, esse assunto não seria estabelecido como tamanha problemática, porém, ainda que o combate à desigualdade econômica deva estar sempre em pauta, é preciso lidar, discutir e problematizar o preconceito vigente no momento atual. Para tal, o acesso à informação mostra-se como a maior ferramenta para conscientizar os executores do descaso, assim como a sociedade como todo que, porventura, possa desconhecer o termo aporofobia. Assim, destaca-se a importância da difusão dessa discussão sobre na mídia, escolas, Universidades – sobretudo na formação do profissional de saúde – e nos próprios serviços de saúde. Ações educacionais e trabalhos sociais, patrocinados pelo governo, sob organização das respectivas prefeituras municipais aliados ao grande alcance das mídias sociais, possuem o poder de mobilização social e auxiliam no entendimento de que a generosidade, a empatia, o altruísmo e, acima de tudo, o respeito, configura-se como direito

humano básico, não podendo ser restringido àqueles “semelhantes”

Referências

ZEIFERT, A.P..B. **Adolescência pobres no Brasil sob a ótica da aporofobia. Poor childhood and adolescence in Brazil from the aporophobia perspective.** *Duc In Altum-Cadernos de Direito*, v. 12, n. 27, 2020.

COHN, Amélia. **As políticas de abate social no Brasil contemporâneo.** *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, p. 129-160, 2020

LIMA, Rafaela Rodrigues et al. **Acesso da população em situação de rua aos serviços da atenção primária à saúde: avanços e desafios** *Access of the street population to primary health care services: advances and challenges.* *Brazilian Journal of Health Review*, v. 5, n. 2, p. 4461-4474, 2022.

PITOMBEIRA, Delane Felinto; OLIVEIRA, Lucia Conde de. **Pobreza e desigualdades sociais: tensões entre direitos, austeridade e suas implicações na atenção primária.** *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 25, p. 1699-1708, 2020.

PROCHNOW, Darlan Ariel Prochnow et al. **Análise dos níveis de preconceito dos moradores da cidade de Ijuí.** *Salão do Conhecimento*, 2019.

QUEIROZ, Isabella et al. **A abordagem da população em situação de rua no sistema único de saúde: uma realidade que precisa ser mudada.** *Brazilian Journal of Health Review*, v. 4, n. 2, p. 8230-8243, 2021.

RESENDE, Augusto César Leite de; MACHADO, Carlos Augusto Alcântara. **A fraternidade como antídoto contra a aporofobia.** *Sequência (Florianópolis)*, v. 42, 2022.